

A IMPORTÂNCIA DAS HABILIDADES PREDITORAS NA INTERVENÇÃO PRECOCE DE ALUNOS COM RISCO PARA DISLEXIA NO CONTEXTO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Raimunda Sousa dos Santos ¹

Ebenezér Santos da Silva ²

Raissa Oliveira Alencar dos Santos ³

RESUMO

Ao longo da formação acadêmica nos deparamos com várias situações que nos fazem questionar como será nossa prática enquanto docente e o que fazer para avaliar e intervir diante de uma sala numerosa, na maioria das vezes o simples ato de pensar como aplicar a teoria pode nos causar pânico, anseio de não conseguir um bom resultado diante dos inúmeros desafios que é alfabetizar. A dificuldade de leitura é um tema relevante no contexto acadêmico, pois não afeta somente o desempenho dos estudantes, mas também pode impactar seu desenvolvimento emocional. É indispensável que o planejamento docente extrapole aquilo que chamamos de inclusão. O foco para o sucesso da escola está no aluno, naquele que aprende, não há docente sem discente, para tanto é o docente que estabelece estratégia pedagógica de punho sistemática, organizada e inclusiva. A metodologia empregada classifica esta pesquisa como sendo de caráter descritiva e cunho qualitativo, com referencial bibliográfico. Trazendo a alfabetização e letramento como campo de conhecimento faz-se necessário questionar como as habilidades preditoras podem colaborar na intervenção precoce em caso suspeito para dislexia oportunizando uma alfabetização eficaz? Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre as principais causas da dificuldade de leitura em alunos com queixa de dislexia, propor estratégias de intervenção pedagógica mais eficazes para melhorar a aprendizagem desses alunos, assim como analisar quais habilidades preditoras são mais relevantes para a alfabetização de alunos com dislexia.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Habilidades preditoras, Inclusão, Dislexia.

INTRODUÇÃO

A teoria e prática são objetos de estudos da Pedagogia, elas são indissociáveis. Essa ação dá-se o nome de práxis que significa refletir e agir, ou seja, o professor mediador do conhecimento irá favorecer situações onde ele, seus alunos e demais participantes da escola reflita e aja sobre o processo de ensino-aprendizagem. Ao tratar

¹ Professora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário- UNIPLAN, raisousantos@gmail.com;

² Mestranda Em Educação da Universidade Federal do Maranhão- UFMA, ebenezer1946@hotmail.com;

³ Graduado Em Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, raissaoliveira2130@gmail.com.

de alfabetização e letramento o professor assume o papel de protagonista junto ao aluno.

Para que uma criança aprenda a ler e escrever ela precisa adquirir habilidades básicas para seu desenvolvimento, essas habilidades quando bem estimuladas nos ajudarão por toda a vida principalmente durante o processo de alfabetização e letramento.

A dificuldade de leitura é um tema relevante no contexto acadêmico, pois não afeta somente o desempenho dos estudantes, mas também pode impactar seu desenvolvimento emocional. É indispensável que o planejamento docente extrapole aquilo que chamamos de inclusão. O foco para o sucesso da escola está no aluno, naquele que aprende não há docente sem discente, para tanto é o docente que estabelece estratégia pedagógica de punho sistemática, organizada e inclusiva.

Trazendo a alfabetização e letramento como campo de conhecimento faz-se necessário questionar como as habilidades preditoras podem colaborar na intervenção precoce em caso suspeito para dislexia oportunizando uma alfabetização eficaz? Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre as principais causas da dificuldade de leitura em alunos com queixa de dislexia, propor estratégias de intervenção pedagógica mais eficazes para melhorar a aprendizagem desses alunos, assim como analisar quais habilidades preditoras são mais relevantes para a alfabetização de alunos com dislexia. Identificar as principais causas da dificuldade de leitura em alunos com queixa de dislexia, propor estratégias de intervenção pedagógica mais eficazes para melhorar a aprendizagem desses alunos, assim como analisar quais habilidades preditoras são mais relevantes para a alfabetização de alunos com dislexia.

Justifica-se essa pesquisa pela experiência ao nos depararmos com situações de familiares que foram orientados a procurar o consultório psicopedagógico com queixas de criança com suspeita para transtorno de aprendizagem de leitura e escrita para Dislexia. Tendo um grupo significativo de crianças na faixa etária de 5 (cinco) anos nas quais ainda estão inseridas na educação infantil.

Ao nos referirmos aos alunos da educação infantil estamos falando de crianças de zero a cinco anos que fazem parte a creche e pré-escola, essa fica na responsabilidade de cuidar e educar os bebês de 0 a 1 ano e 6 meses a crianças bem pequenas com 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses, enquanto a pré-escola assume o papel de cuidar e educar crianças pequenas com 4 anos a 5 anos e 11 meses.

Notamos que na maioria dos casos atendidos o aprendente não apresenta habilidades básicas precursoras para leitura e escrita, a ausência de estimulação cognitiva,

motora, auditiva, linguística, visual ainda não foram trabalhadas em nenhum dos ambientes seja familiar ou pré-escolar.

A educação infantil sendo a primeira etapa da educação básica e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral da criança, pois é nessa fase que se desenvolvem as bases para o aprendizado futuro e a formação do sujeito. Através das atividades lúdicas e experiências sensoriais é neste período que a criança mais cria conexões cerebrais capazes de estimular as áreas responsáveis pela aprendizagem, sensorial, emocional e social.

Quando a criança brinca ela amplia as vias sensoriais junto as conexões neurais, nota a percepção do seu corpo como ser pertencente ao um grupo social, assim como protagonista de suas ações em solucionar situações problemas. Nesse momento seu corpo é o seu maior brinquedo por facilitar sua compreensão naquilo que pode ser abstrato, hipotético e dedutivo. Utiliza a brincadeira como forma de curiosidade e expressar sua necessidade para organiza a relação corpo e espaço, tamanho e forma, movimento e direção.

Portanto, para que o aluno chegue no final do segundo ano lendo e escrevendo, como orienta a BNCC, aconselhamos estimular as habilidades preditoras ainda na educação infantil como: ter contato com livros desde cedo, atividade de vida diária, desenvolver a oralidade, consciência fonológica, aprender o alfabeto, coordenação motora, lateralidade, noção de tamanho, formas, direção, imaginação e brincadeira.

METODOLOGIA

Para a realização deste estudo foi feito a coleta de dados através de um questionário semiestruturado com perguntas fechadas aos professores de uma escola da rede pública de ensino pertencente ao município de Bacabal - MA. A pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório descritivo de cunho qualitativo e quantitativo, por abordar dados bibliográficos, observação, e de campo sobre a importância das habilidades preditoras na intervenção precoce de alunos com risco para dislexia no contexto de alfabetização e letramento.

A escolha do questionário se justifica como instrumento mais acessível por se tratar de perguntas fechadas, possibilitando ao sujeito da pesquisa maiores esclarecimentos sobre sua vivência e o que se espera com aquele instrumento de forma qualitativa e quantitativa.

De acordo com Oliveira (2008, p 45)

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que se encontra o objeto de pesquisa.

Partindo do pressuposto que a dificuldade de leitura é um tema relevante no contexto acadêmico, pois não afeta somente o desempenho dos estudantes, mas também pode impactar seu desenvolvimento emocional. É indispensável que o planejamento docente extrapole aquilo que chamamos de inclusão. O foco para o sucesso da escola está no aluno, naquele que aprende, não há docente sem discente, para tanto é o docente que estabelece estratégia pedagógica de punho sistemática, organizada e inclusiva.

Cada participante da pesquisa foi tomado como protagonista de suas concepções sobre o assunto pesquisado atuante da realidade vivenciada e como a finalidade. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre as principais causas da dificuldade de leitura em alunos com queixa de dislexia, propor estratégias de intervenção pedagógica mais eficazes para melhorar a aprendizagem desses alunos, assim como analisar quais habilidades predictoras são mais relevantes para a alfabetização de alunos com dislexia.

O PAPEL DA ESCOLA NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM RISCO PARA DISLEXIA

A escola é um espaço que permite o desenvolvimento integral do educando possibilitando estratégias metodológicas e avaliativas para que a aprendizagem seja feita de forma assistemática e organizada. Por sua vez, ela desempenha um papel fundamental na aprendizagem de alunos com risco de dislexia, a identificação precoce e o suporte adequado são essenciais para que esses alunos possam desenvolver suas habilidades acadêmicas e sociais sem constrangimento.

O ambiente escolar precisa ser acolhedor a proposta da inclusão fornecendo ao professor materiais didáticos adaptados e tecnologias assistivas que facilitem o acesso ao conteúdo curricular, reduzindo o estigma associado a dificuldades de aprendizagem.

Valorizar a formação continuada de professores em relação à dislexia é fundamental. Os docentes devem estar preparados para reconhecer os sinais de risco para a dislexia e implementar estratégias pedagógicas inclusivas que atendam às necessidades específicas de cada aluno.

O professor assume um papel significativo na formação acadêmica de seu aluno, principalmente quando o aluno apresenta dificuldade de aprendizagem ou suspeita de dislexia, sua função não é somente planejar aula, mas trabalhar demandas que alcance as dificuldades persistentes de sua turma.

O professor exerce uma função muito importante na sala de aula. Além de estimular as diversas competências disciplinares, é responsável por transmitir conhecimento e modificar o meio; e dentro deste papel fundamental em nossa sociedade, é necessário que haja um olhar diferenciado para o aluno e suas necessidades, que possa haver um reconhecimento das habilidades e até das desabilidades. A escola enquanto formador de futuros formadores tem de estar a par das necessidades e precisa ter preparação necessária para atender crianças com problemas de aprendizagem e suprir as deficiências escolares. (Lima, 2013, p, 14).

O despreparo o professor pode ocasionar prejuízos significativos para o aluno que já apresenta um atraso que afeta o emocional principalmente na área acadêmica. O aluno com risco para dislexia em suma irá apresentar dificuldades de percepção e expressão do som da fala (fonema) e sua conversão em símbolo (grafema), por isso que é essencial que os professores da educação básica conheçam estratégias que estimule as habilidades motoras, ritmo, equilíbrio, esquema corporal, formas, consciência fonológica, lateralidade, temporalidade, percepção de espaço, direção, orientação, discriminação viso-auditiva, verbalização. Observar também fatores que podem causar imaturidade embora a criança tenha o mesmo padrão das demais crianças da turma, mas apresenta atrasos na linguagem, leitura, escrita, motricidade que está aquém do que esperado para seu ano escola.

As dificuldades na fluência da leitura, escrita e baixa compreensão do significado do que é lido resultam a um déficit fonológico. Precisamos analisar algumas situações durante a estimulação da linguagem escrita como: postura, utilização do espaço no papel, prensão e traçado das letras. Ortografia, morfossintaxe e léxico, coesão e coerência. Se observamos bem a criança com dificuldade de aprendizagem durante o período de alfabetização supostamente apresentou indícios nos anos anteriores com pré-escolar. Quando a criança apresenta defasagem e lentidão na leitura, dificuldade de interpretação, escrita para fazer a decodificação pode incendiar a dislexia. Para Teixeira (2019, p. 19):

A habilidade para leitura envolve diversas associações entre símbolos auditivos, símbolos visuais, experiências vividas, significados e sentidos que a criança tem do mundo visual e linguístico que a cerca. No caso do disléxico, a criança tem dificuldade para codificar e decodificar os processos que envolvem a leitura e a escrita.

Nos últimos anos, é notório perceber que no contexto educacional brasileiro há um crescente número de crianças com dificuldade de aprendizagem em alguns casos

notamos a presença de um transtorno de aprendizagem afetando principalmente a leitura e escrita o que pode levar a um desempenho escolar aquém do esperado resultando frustrações, desmotivações e até mesmo causando evasão escolar.

No que tange aprendizagem deve – se pensar em uma estratégia que contemple a dificuldade de cada aluno, dá oportunidade para que o mesmo se desenvolva de forma significativa. A escola por ser um espaço de formação social e cultural necessita valorizar o conhecimento prévio de seus alunos, entendemos que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Não faz sentido incluir sem possibilitar a leitura de mundo do aprendente.

Ademais, quando se trata de transtorno de aprendizagem ou até mesmo de neurobiológico defendemos o diagnóstico precoce, pois acreditamos que a partir dele a prática docente alcança a necessidade individual com mais intensidade. Se tratando de desempenho na área da alfabetização e letramento é necessário entender que quando a criança chega na escola com objetivo de aprender a ler e escrever ela já domina um dialeto na forma oral que pode estar próximo ou distante da língua escrita convencional que valorize a especificidade morfológica, sintática e semântica, por isso é importante saber que não escrevemos como falamos.

Nessa perspectiva, Soares (2018, p. 17) enfatiza que:

Alfabetizar significa adquirir a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em língua oral (ler). a alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler).

No contexto da dislexia, em termos práticos, podemos dizer que aprender a ler e escreve exige primeiramente que o professor reconheça as habilidades do educando aquelas que já foram adquiridas e as que devem ser adquiridas. Fazer uso de músicas, jogos, brinquedos e brincadeiras como ferramentas pedagógicas fazem total diferença no momento de avaliação.

O professor que faz uso dos direitos propostos na Base Nacional Comum Curricular- BNCC em suas aulas facilita a criança brincar com o corpo, explore o ambiente e convive com pares pertencentes a diferentes grupos sociais são momentos onde a criança dar função ao aprendizado.

As habilidades preditoras para alfabetização e letramento incluem a consciência fonológica, memória de trabalho, nomeação rápida, motricidade, capacidade de segmentar e manipular sons, princípio alfabético. Ao trabalhar essas competências desde da educação infantil é essencial para a alfabetização.

A dislexia caracterizada por ser um transtorno que afeta a área cerebral responsável pela linguagem, leitura e escrita, pode ser amenizada por meio de atividades que promovem o engajamento, ludicidade, motivação do aluno. Jogos e brincadeiras que envolvem rimas, sons, jogo da memória, jogos como o da caixa amarela do PENAC, jogos multissensoriais e fonoarticulatório do método das boquinhinhas, exploração de letras, sílabas e palavras de maneira interativa podem tornar o aprendizado mais dinâmico e menos intimidante.

Outros recursos e estratégias que podem transformar a jornada educacional das crianças tornando o aprendizado mais acessível e eficaz são os audiolivros, atividades elaboradas com a fonte “Dyslexie”, “Open Dyslexic”, “Comic Sans”.

A colaboração entre escola, pais e especialistas, como psicopedagogos, fonoaudiólogo é outra dimensão importante para o exercício da inclusão. Essa parceria garante que os alunos recebam intervenções personalizadas que favoreçam seu desenvolvimento.

Portanto, a escola assim como a família ao notar que uma criança apresenta dificuldade em decodificar palavras, confunde letras ou apresenta um ritmo de leitura mais lento do que esperado é necessário uma avaliação detalhada e intervenção personalizada. Compreendemos que dislexia não pode ser vista como uma barreira, todavia, é uma oportunidade para entendermos novas formas de aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

GRÁFICO 1. DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL SOBRE ADAPTAÇÕES PEDAGÓGICAS DIANTE DAS DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA DE ALUNOS EM RISCO PARA DISLEXIA.



Fonte: elaborado pelos autores, Bacabal – MA (2024).

De acordo com o gráfico. 1, nota - se que 50% dos professores entrevistados relataram não saber ou não fazem adaptações necessárias para alunos em risco com dislexia por sentirem dificuldades em compreender estratégias metodológicas capazes de trabalhar os conteúdos relacionados aos prejuízos por trás do transtorno de aprendizagem. Embora 30% dos profissionais relataram que fazem adaptações necessárias focadas nas habilidades preditoras que contemplam a leitura e escrita dos alunos que apresentam atrasos significativos. Outros 20% dos entrevistados marcaram a opção as vezes propoem adaptações nas atividades quando elas aparentam serem mais difíceis ao entendimento dos alunos.

Os resultados encontrados no presente estudo nos mostra o quanto a preocupação da maioria dos entrevistados são de apenas repassar o conteúdo. Percebemos o quanto é difícil para alguns professores flexibilizar e adequar o planejamento para as necessidades individuais de seus alunos. Nota-se também a baixa preocupação em sondar ou avaliar o verdadeiro motivo da dificuldade ou atraso na leitura que vai além dos fatores pedagógicos, a desvalorização da ludicidade, a ausência de um planejamento que contemplem as necessidades individuais principalmente na área motora, análise/síntese, noção corporal e direção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção precoce em alunos com risco de dislexia é um aspecto crucial para garantir que essas crianças tenham uma trajetória educacional bem-sucedida. Neste sentido, as habilidades preditoras desempenham um papel fundamental, pois são indicadores significativos que podem prever o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Diante do estudo realizado, nota-se a carência em conhecimento dos principais sintomas da dislexia por parte dos professores pode causar atrasos significativos diante do diagnóstico, principalmente quando há pouca estimulação das habilidades preditoras da alfabetização e letramento. Não podemos ficar indiferentes a esse desafio, uma vez que envolve questões sociais, pedagógicas e de saúde das crianças dentro do ambiente escolar.

Considera-se, portanto, fundamental a participação dos professores na estimulação precoce de alunos com risco para dislexia tendo em vista que os primeiros

sintomas são apresentados no ambiente escolar por se tratar de um transtorno específico da aprendizagem. Ao participarem de formações relacionados as habilidades preditoras de alfabetização facilita a intervenção, ótimo rendimento escolar e gera qualidade de vida.

Portanto, investir na formação continuada dos professores, na parceria com a família e profissionais especialistas possibilita fortalecer vínculo, além disso, compreender que as habilidades preditoras permitem avanços significativos e mais inclusivo e equitativo. A reflexão sobre a importância de conhecer e intervir nas habilidades preditoras é essencial para garantir que cada criança possa alcançar seu pleno desenvolvimento superando os desafios da alfabetização com mais segurança.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F. **E24 e Educação Inclusiva**. v.3: a escola/coordenação geral SEESP/MEC. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

Associação Brasileira de Dislexia. Disponível em: < <http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/> > Acesso em outubro de 2024.

BRASIL, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. **Acessibilidade**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

_____. **Ministério da Educação**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, institui as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília – DF, MEC, 1996.

_____. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Parecer CNE/CEB n. 017/2001 Brasília: MEC/SEESP, 2001.

_____. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. UNESCO, Jomtiem/Tailândia, 1990.

_____. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP, 2001.

_____. Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o **Plano Nacional de Educação** – PNE e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2014a. Disponível em: Acesso em: 29 jul. 2024.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa de Lima. Piaget, Vygotsky, Wallon: **teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo, p ed 15, Summus, 1992.

LIMA, Luísa Barbosa. **Dislexia e ensino-aprendizagem de língua portuguesa: um estudo de caso**. 41 f. Universidade de Brasília, 2013.

RELVAS, Marta Pires. **Neurociências e transtornos de aprendizagem: as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva** / Marta Relvas Pires – 6 ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento** / Magda Soares. – 7. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018. 192 p.

_____. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever** / Magda Soares. – São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.:il.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Dislexia na educação infantil: intervenção com jogos, brinquedos e brincadeiras** / Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira; Solange Martins - 3 ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019. 172p.:21cm.